

XLVII

O TEMPO URGE

Quando o Senhor determinou que algumas das Virtudes Celestes viessem ao mundo, trazendo a Felicidade para as criaturas, a Fé acercou-se do Homem, antes das demais, e disse-lhe compassiva:

— O Poder Superior governa-nos o destino. Confia na Providência do Pai Misericordioso e aprende a contemplar mais longe...

O Homem sorriu e replicou:

— O tempo urge. Viverei seguro na máquina de ganhar e guardar facilmente. Não aceito outras deliberações que não sejam minhas.

Veio a Humildade e pediu:

— Meu filho, não te vanglories do que possuis, porque Deus concede os recursos no momento preciso e retoma-os, quando julga oportuno. Sê simples para contentar a ti mesmo.

— O tempo urge — exclamou o Homem, sarcástico —, e se o minuto é meu, que me importa a eternidade? Gozarei o dia, segundo meus desejos. Não tenho necessidade de submeter-me para ser feliz.

Chegou a Bondade e suplicou:

— Ajuda no caminho para que outros te beneficiem. Nem todos os instantes pertencem à primavera. Sê compreensivo e generoso! O rico pede cooperação fraternal, a fim de que a fortuna o não encegueça; e o pobre reclama concurso, para que a escassez não o conduza ao desespero.

— O tempo urge — gritou o Homem — e não posso deter-me em ninharias. Quem dá, espalha; quem nega, concentra. Minha defesa aparece em primeiro lugar.

Surgiu a Paz e implorou:

— Amigo, esquece o mal e glorifica o bem. Não entronizes a discórdia. Cede em favor dos necessitados. Não te detenhas no egoísmo voraz.

— O tempo urge — respondeu o Homem —, e se eu renunciar em benefício alheio, que será de mim? Cedendo, perderei. Não guardo vocação para a derrota.

Em seguida, compareceu a Paciência e aconselhou:

— Age com calma. Não exijas serviços em toda parte, porque a tarefa de outros é igualmente respeitável. Socorre os semelhantes, consciente das próprias necessidades espirituais. Não esmagues as esperanças dos pequeninos e atende à justiça onde estiveres.

— O tempo urge — repetiu o Homem irônico — e as horas correm excessivamente apressadas para que me entregue a problemas de tolerância. Fixando direitos alheios, não perceberei os que me dizem respeito.

Logo após, abeirou-se dele a Compaixão, implorando:

— Irmão, apiada-te dos fracos!...

O interpelado não lhe permitiu continuar.

— O tempo urge — bradou — e a questão dos pusilâñimes não me atinge. Sou forte e nada posso de comum com os inúteis e inábeis.

A Caridade apareceu e apelou:

— Meu amigo, perdoa e ajuda para que a tranquilidade more contigo. Tudo passa na carne. A eternidade reside em teu coração. Porque não te amoldares à lei do amor, a benefício da própria iluminação?

O Homem, porém, redarguiu, entediado:

— O tempo urge! deixem-me! conheço o caminho e vencerei por mim. Quem perdoa, opera contra a dignidade pessoal e quem muito ampara desampa-se.

Então, reconhecendo o Senhor que o Homem estragava o tempo e consumia a vida, inutilmente,

sem qualquer consideração para com as Virtudes salvadoras, enviou-lhe alguns dos seus Poderes, de modo a chamá-lo a Juízo.

Aproximou-se inicialmente a Dor.

Não lhe deu conselho algum.

Privou-o do equilíbrio orgânico e acamou-o.

O Homem modificou gesto e linguagem, suplicando:

— Quem me acode? Compadecam-se de mim!...

Mas a Dor respondeu apenas:

— O tempo urge.

Logo após, veio a Verdade e apodreceu-lhe o corpo.

O Homem rogou:

— Piedade! piedade! Salvem-me!...

A Verdade, contudo, limitou-se a dizer:

— O tempo urge.

Em seguida, veio a Morte.

O Homem reconheceu-a, apavorado, e pôs-se a gritar:

— Livrem-me do fim! não posso partir!... não estou preparado!... Socorro!... socorro!...

A Morte, no entanto, repetiu:

— O tempo urge.

E arrebatou-lhe a alma.

XLVIII

ORAÇÃO DO DOIS DE NOVEMBRO

Senhor, deste-nos a verdade. Criamos a mentira. Acendeste a luz. Disseminamos a treva.

Ensinaste o bem. Praticamos o mal.

Concedeste-nos o dom da vida. Semeamos vírus da morte.

Proclamaste a liberdade pela obediência aos eternos desígnios. Instituimos o cativeiro através das paixões inferiores.

Aconselhaste que nos amemos fielmente uns aos outros. Fizemos a separação e o sectarismo.

Cultivaste flores de amor. Alimentamos espinhos de ódio.

Exaltaste a fraternidade. Intensificamos a sombra homicida.

Traçaste campos de serviço promissor. Enfileiramos cemitérios e ruínas.

Facilitaste-nos enxadas e charruas. Convertemo-las em projetis e baionetas.

Mandaste-nos o enxofre que cura, o salitre que aduba e o carvão que aquece. Transformamo-los na pólvora que mata.

Afirmaste que teus discípulos chegariam de todas as partes do Planeta. Amaldiçoamos aqueles que não comungam conosco.

Organizaste caminhos de aproximação entre os homens. Construímos trincheiras.

Criaste a chuva benéfica. Realizamos bombardeios.

Plantaste árvores benfeitoras. Fabricamos espadas mortíferas.

Acitaste a cruz da redenção. Levantamos a cruz do crime.